

Top 10 humilhações do Palmeiras

Por Douglas Ceconcellos

Um de meus 349 projetos pessoais consistia numa versão adaptada sobre o Palmeiras de "Febre de Bola", livro que me fascinou desde a primeira leitura. O problema é que mais umas 450 mil pessoas devem ter tido a mesma ideia, e o Gustavo Piqueira foi mais rápido, lançando seu "Coadjuvantes", que é um livro e tanto, ao menos para palmeirenses.

Mas nada que me impeça de colaborar com o Impedimento, inspirado na série criada pelos camaradas Luis Felipe e Sancho, exorcizando algumas das agruras vividas pelo Palmeiras, até para me preparar para mais um ano que promete ser daqueles. Essa lenga-lenga de falta de contratações e o Luxemburgo dizendo que o Palmeiras é zebra na Libertadores são deveras animadores.

Limitei-me, no entanto, a abordar apenas os últimos 30 anos. Exatamente a minha idade, mas não apenas por puro cabotinismo, e sim por tentar manter aquela coisa da mística citada pelo Sancho de que o clube é de uma grandeza sem par. Então, segue o top 10, mas sem uma ordem de grandeza, digamos assim, e sim em ordem cronológica:

10. Palmeiras 0 x 1 Corinthians, Morumbi (30/01/1980)

Essa é a única da lista que eu não vi, apenas ouvi falar. Mas a história é amplamente conhecida: o "mestre" Telê Santana (as aspas estão aí para denotar ironia, ok?) montou um bom time do nada, o time encantou no Brasileiro mettendo 4 a 1 no Flamengo do Zico, no Maracanã, depois parou no Inter do Falcão, mas vinha embaladíssimo no Paulistão, com a melhor campanha e pronto para ser campeão. Aí, por causa de uma picaretagem do presidente do Corinthians, Vicente Matheus, as semifinais contra o Rival Maior ficaram pro ano seguinte. O time perdeu o pique e acabou derrotado com um gol de BIRO-BIRO, marcado DE CANELA. O Corinthians avançou e levou o título NA MOLEZA, em cima da Ponte Preta.

9. Palmeiras 2 x 3 XV de Jaú, Palestra Itália (24/11/1985)

Desse jogo eu já tenho vaga lembrança, de ouvir parte dele no rádio, me frustrar com o resultado e ver à noite nos "Gols do Fantástico". E de ficar, durante a semana, naquela expectativa de precisar ganhar para sair da fila, fantasia que acompanhou minha infância futebolística. Era a última rodada da fase de classificação do Paulista de 1985, e por uma daquelas maluquices do regulamento, o time tinha de vencer e torcer por uma derrota do Corinthians, que jogava DE MANHÃ, e deu sorte: o Rival apanhou do Comercial, em Ribeirão Preto, e nos bastava uma vitória simples contra o eliminado XV de Jaú, no qual se destacava o polivalente WILSON MANO, que, ainda em início de carreira, anotou um dos gols. No fim, quem se classificou para as semifinais foi a Ferroviária de Araraquara, devidamente eliminada pela Portuguesa, por sua vez vencida pelo São Paulo na decisão.

8. Inter de Limeira 2 x 1 Palmeiras, Morumbi (03/09/1986)

Agora sim, era a chance de sair da fila. Na semifinal, depois de sermos assaltados no primeiro jogo contra o Corinthians, vencemos a segunda partida por 3 a 0, com direito a um gol olímpico do Éder, e fomos à final contra a Inter, liderada pelo gaúcho KITA. Com dois jogos no Morumbi, seria impossível não levar o título. Mas o impossível aconteceu: um empate por 0 a 0 num domingo à tarde e uma derrota por 2 a 1, numa noite de quarta-feira, uma vergonha completa. Após o segundo gol da Inter, pateticamente concedido pelo lateral Denys a Tato, este guri chorava de soluçar e assim se manteve até o fim da partida, quando minha mãe, indignada, pegou o telefone e fez um interurbano para que meu padrinho, responsável por me fazer palmeirense, me consolasse – anos depois, ele confessaria que teve de enxugar as próprias lágrimas antes de atender o telefone.

7. Bragantino 3 x 0 Palmeiras, Marcelo Stéfani (10/06/1989)

Já eram 13 anos de fila, que finalmente iam acabar, ah se iam. Com LEÃO como técnico e ASTROS como Careca Bianchezi, Darío Pereyra, Buião e Gaúcho, chegamos a incríveis 23 jogos de invencibilidade e caminhávamos a passos largos rumo ao sonhado título. Mas tudo se complicou em Bragança Paulista: levamos um 3 a 0 incontestável dos comandados de um ainda iniciante VANDECA LUXBURGER e fomos aliados da disputa do caneco com apenas sete gols sofridos em todo o campeonato.

6. Palmeiras 0x0 Ferroviária, Pacaembu e Palestra Itália (18/08/1990)

O “mestre” estava de volta, mas dessa vez não conseguiu tirar leite de pedra. O regulamento do Paulistão de 1990 colocou 14 times na fase final, divididos em dois grupos de SETE, cujos campeões chegavam à final. O Palmeiras empatou tantos jogos idiotas que chegou à última rodada um ponto atrás do Novorizontino, então treinado por Nelsinho Baptista. Jogávamos contra a Ferroviária, no Pacaembu, enquanto o time do interior enfrentava a Portuguesa, no Canindé, e precisávamos de um pontinho a mais. E a Lusa saiu na frente, mas logo o Novorizontino empatou e precisávamos de um gol, um golzinho só – que, claro, não saiu. No último minuto, AGUIRREGARAY acertou a trave e definiu a classificação do Novorizontino, que depois perderia a “final caipira” para o Bragantino de Vandeca. Mas a desgraça não acabaria com o apito final: a torcida, revoltada com a extensão da fila, que já ganhava ares de DEBUTANTE, saiu do Pacaembu e foi ao Palestra Itália (20 a 30 minutos a pé), descontando sua irritação na sala de troféus, que andava mais parada que missa das nove da manhã em domingo de Carnaval.

5. Palmeiras 1 x 4 São Paulo, Morumbi (24/05/1997)

Ah, Telê...Tava na cara que não ia dar certo quando o “Mestre” posou para a Placar como destaque do Palmeiras na temporada, enquanto todos os times vinham como jogadores. Mas vá lá, era mesmo uma contratação de peso, pois não era o Telê pé-frio, e sim o bicampeão mundial e talecoisa. Só que ele estava doente, e enquanto não poderia assumir, o negócio era ir se virando com o Pastor Márcio Araújo. Foi o ano dos “embalos de sábado à noite”, quando a Federação Paulista resolveu marcar jogos para o salutar horário das 21h30 do sábado, com transmissão pela Globo e tudo. Geralmente eram os clássicos, e o primeiro

foi até animador: 1 a 0 em cima do São Paulo, gol do Viola. Mas três semanas depois levamos 5 a 2 do Corinthians, com direito a três gols de DONIZETE PAN-TERA, e, mais duas semanas para a frente, levamos 4 a 2 do mesmo São Paulo. Apesar de todas as Marcioaraujices, conseguimos chegar ao quadrangular final: os quatro grandes, todos contra todos em turno único. Chegávamos com a melhor campanha entre os quatro, mas eu sabia que não seríamos campeões nem por um caralho e meio. Ainda assim, me dispus a ouvir o jogo enquanto viajava de volta de Sorocaba para Bauru, num fim de semana de folga da faculdade. Acompanhado de um corintiano e um santista no carro, tive de aturar a pentelhação a cada gol bambi que saía. No fim, um solitário gol do Roque Júnior nos salvou a honra, mas o título já tinha ido para o vinagre. Márcio Araújo ainda resistiu por mais um jogo, derrota por 2 a 0 para o Corinthians, e no jogo valendo o terceiro lugar, apanhamos de 4 a 0 do Santos numa Vila Belmiro melancólica, no jogo que marcou a aposentadoria de Careca e teve o filósofo LAPOLA como técnico do Palmeiras – enquanto Felipão assistia a tudo das tribunas, prestes a assumir a bomba.

4. Palmeiras 3 x 4 Vasco, Palestra Itália (20/12/2000)

Se eu tivesse adotado uma ordem de vergonhas por tamanho, e não cronológica, certamente essa estaria no top 3. Depois de três anos de Felipão e oito de Parmalat, o Palmeiras tinha de se acostumar a andar com suas próprias pernas e o começo não era nada promissor. Na nefasta Copa João Havelange, tínhamos pago o mico de ser eliminados pelo São Caetano – tudo bem que era a sensação do campeonato, mas, porra, era o São Caetano e fizemos os dois jogos em casa, jogando no Palestra na bizarra condição de visitantes. Na Copa Mercosul, íamos aos trancos e barrancos, passando sabe-se lá como pelo Cruzeiro de Scolari e pelo Atlético-MG, chegando à final contra o forte Vasco. Derrota por 2 a 0 no primeiro jogo, vitória por 1 a 0 no segundo e fomos para a negra, Palestra lotado, time escalado por MARCO AURÉLIO com: Sérgio; Arce, Galeano, Gilmar e Tiago Silva; Fernando, Magrão, Flávio e Taddei; Juninho e Tuta. Contando Galeano, improvisado no miolo de zaga, cinco volantes em campo. Eu estava em casa, na época trabalhava para um site da Traffic, promotora da competição, e tive o convite pra ver o jogo no camarote, mas recusei, pois não tinha ido em jogo nenhum e achei que ia secar. Rola a bola e conseguimos fazer 3 a 0 no primeiro tempo. Empolgado, liguei para o Rubão, colega de trabalho que estava no batente, e atestei: “Levamos essa, cara! Não acredito!” E o cara, que sempre fora daqueles torcedores ultraotimistas, estranhamente me respondeu: “Calma, não sei não, esse time é muito ruim”. É preciso reforçar que o Vasco jogou o segundo tempo reforçado pela expulsão de Júnior Baiano, mas foi dito e feito: Romário guarda dois de pênalti, aos 14 e aos 24 minutos; aos 31, Basílio entra no lugar de Tuta para puxar contra-ataques para o Palmeiras; aos 41, Juninho Paulista empata o jogo e eu morro pela primeira vez na noite; e aos 48, quando os pênaltis já pareciam uma solução aceitável, Juninho chuta da entrada da área e Sergio rebate nos pés do Baixinho, que só empurra para as redes. Morri 462 vezes, ao som as gozações dos corintianos colegas de república, quando toca o telefone. É o Rubão: “Eu não te disse?”

3. Palmeiras 2 x 1 ASA, Palestra Itália (20/02/2002)

O ano de 2002 tinha começado promissor para o Palmeiras, com a volta de Alex e de VANDECA e a chegada de alguns (ahan) bons reforços, como DODÔ e Christian, ídolo dos leitores do Impedimento, tanto os tricolores como os colorados. E a Copa do Brasil era a tradicional prioridade de primeiro semestre, embora o currículo do profexô fosse desabonador, com eliminações para o Grêmio, em 93, o CEARÁ, em 94, e a vergonhosa derrota em casa na final de 96. Em Arapiraca, chegamos com aquele discursinho “respeitador”: “vamos buscar o resultado, conseguir o 2 a 0 é lucro”, e perdemos por 1 a 0. Em casa, vencemos por 2 a 1 e fomos desclassificados logo na primeira fase, por causa dos gols fora de casa. Era só uma pontada do que estava por vir. Pelo menos a horrorosa camisa usada nesses jogos foi devidamente abandonada e esquecida.

2. Vitória 4 x 3 Palmeiras, Barradão (17/11/2002)

Eu acho que nunca contei publicamente essa história, mas o fato é que eu assisti a esse jogo no MOTEL. Na quarta-feira tinha ido ao Palestra para ver o empate por 1 a 1 com o Flamengo, e tinha certeza de que seríamos rebaixados, apesar de esperança do torcedor ser algo que distorça a razão de forma jamais imaginada por Kant. O fato é que chegamos ao lugar depois do almoço e fizemos o que deve ser feito nesse determinado lugar, para depois cair no sono dos justos. A vitória simples bastava, mas quando acordei e liguei a TV o jogo estava 2 a 1 para o Vitória, numa combinação de resultados em que o empate era o suficiente. Mas, quando empatamos, o Inter já havia aberto o placar contra o Paysandu e só a vitória serviria. Qual nada, logo em seguida o Vitória fez 3 a 2, depois mais um gol, e a desgraça já era só uma questão de minutos quando minha então namorada, hoje distinta esposa e mãe do bebê que esperamos para julho, acordou. “E aí?”, ela perguntou, enquanto Chiqui Arce batia o pênalti que definia o placar e eu ameaçava chorar. “Perdendo por 4 a 3. Vai cair” “Mas, e agora?”, perguntou, com a maior desfaçatez do mundo. “Vai jogar a segunda divisão.” “Xi...”, concluiu ela. Mesmo assim, ainda houve ânimo para um segundo tempo no motel. Era o que restava, afinal de contas. Mas eu diria que não foi a melhor das conjunções carnavais de minha vida.

1. Palmeiras 2 x 7 Vitória, Palestra Itália (23/04/2003)

Se ler isso, o Franciel vai vibrar ao perceber que o Vitória é o único time que aparece duas vezes na lista, mas o que há de se fazer? O ano da Série B havia começado desanimador, e a participação do Palmeiras na Copa do Brasil começou com uma incrível vitória por 1 a 0 sobre o Operário de Várzea Grande, imortalizada por uma entrevista registrada pela TV Record. O hoje disputadíssimo LEANDRO AMARAL, então tratado como refugo precoce, faria sua estréia no Palmeiras e se preparava para entrar no segundo tempo, quando o repórter se aproxima dele e pergunta: “E aí, Leandro, quem vai sair?” E o destemido craque responde: “É... É... É o 9!” No caso, o “9” era o Anselmo, o que até explica a gafe do companheiro, afinal de contas, quem é Anselmo? (Aliás, onde será que anda o Anselmo? Deve estar num “Mundo Árabe” da vida.) Vencemos a volta por 5 a 1 e depois passamos pelo Criciúma de PAULO BAIER, caindo para enfrentar o Vitória. A chance da vingança. A redenção. Eles iam pagar pelo que haviam feito meses antes. E blablabla, nhenhenhem... Estava trabalhando e acompanhando o

jogo pelo rádio, e foi daqueles dias em que era melhor não ter saído da cama. Um, dois, três, quatro (mas não é replay do três?), e aí o jogo já estava na única TV da redação, e tive o prazer de ver o sétimo gol em toda a sua beleza e esplendor. Foi o último jogo antes da estreia na Série B, olha só que animador... Ainda bem que, de lá para cá, houve lá aquelas escorregadas, as ridículas derrotas em casa para Atlético-MG e Botafogo nas últimas rodadas dos últimos Brasileirões, mas nada que se compare a tais momentos. Mas o Palmeiras nunca falha, e 2009 promete ser aterrador. Queira Deus que eu esteja enganado.